

---

## Geografia Histórica Urbana

Notas de pesquisa

*Geografía Histórica Urbana: Apuntes de investigación*

*Urban Historical Geography: Research notes*

*Géographie Historique Urbaine : Notes de recherches*

**Doralice Sátyro Maia**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/4785>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.4785

ISSN: 2316-7793

**Editora:**

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

**Refêrencia eletrónica**

Doralice Sátyro Maia, « Geografia Histórica Urbana », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 12 | 2019, posto online no dia 29 dezembro 2019, consultado o 06 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/4785> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.4785

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 6 janeiro 2020.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Geografia Histórica Urbana

Notas de pesquisa

*Geografía Histórica Urbana: Apuntes de investigación*

*Urban Historical Geography: Research notes*

*Géographie Historique Urbaine : Notes de recherches*

**Doralice Sátyro Maia**

---

## NOTA DO AUTOR

A participação na mesa redonda “Os campos de pesquisa em Geografia Histórica” (Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica, Campos de Goytacazes, 25-27 de março de 2019), que deu origem a este texto, foi possível graças aos recursos do CNPq, Bolsa Produtividade em Pesquisa – PQ – 1D e da Universidade Federal Fluminense.

## Introdução

- 1 A discussão sobre a pesquisa na Geografia Histórica requer, a princípio, que se inicie por uma breve apresentação a respeito do percurso deste campo do conhecimento, pois é neste movimento que as áreas ou as temáticas da pesquisa vão sendo construídas e transformadas. Para essa introdução, tomamos como base o livro de William Norton (1984), *Historical analyses in Geography*. O autor destaca que o percurso da Geografia Histórica se dá a partir dos estudos sobre a transformação da paisagem e a evolução das formas espaciais. Autores como Carl Sauer e Andrew Clark são citados como os precursores da Geografia Histórica, particularmente na América do Norte. Porém, sabemos que a preocupação com a história das paisagens, dos lugares e das regiões já havia se manifestado nos estudos clássicos da Geografia desde os primórdios do século XX, mesmo que sem o propósito de constituir uma subárea do conhecimento. Há ainda que se registrar o fato de a Geografia Histórica estar associada ao desenvolvimento da Geografia Cultural, em relação à qual, apesar de incorporar suas concepções teóricas,

sempre manteve um diferencial metodológico, mesmo considerando as diversas possibilidades de interpretações e de procedimentos metodológicos. Norton (1984) destaca três perspectivas gerais na Geografia Histórica: o estudo do passado, o estudo das mudanças ao longo do tempo e o estudo do passado no presente. De forma geral, podemos fazer uma correspondência com os estudos diacrônicos e sincrônicos. Assim, as três perspectivas condizem com as abordagens metodológicas<sup>1</sup> e merecem uma discussão.

- 2 Um segundo autor, considerado, muitas vezes junto com Sauer, como um dos precursores da Geografia Histórica é H. C. Darby, com a sua clássica obra *The Relations of Geography and History*, de 1953, à qual se acrescentaram outras posteriormente (Darby, 2002). Nesse livro, o autor explicita a preocupação em discutir as relações entre as duas disciplinas – Geografia e História – e, particularmente, em estudar a dimensão do tempo na Geografia. Assim como Sauer, Darby considerava a paisagem a categoria básica para o estudo geográfico. Chris Philo (1996) afirma que, na obra citada, Darby codifica “três possíveis maneiras de reunir as disciplinas de história e geografia”, aqui indicadas:

o estudo de ‘geografias passadas’, em que as paisagens de artefatos humanos e atividades associadas com determinados períodos de tempo (“cortes transversais” temporais) tinham de ser reconstruídas”; (...) “a ‘história por trás da geografia’, em que acontecimentos de longo prazo esculpindo importantes impactos na paisagem (“os temas verticais”) tiveram de ser rastreados por dezenas e centenas de anos”; (...) “a ‘geografia por trás da história’, (...) estudos em que o curso da história humana se relacionava com controles postos em ação pelos atributos naturais e humanos da ‘base geográfica’ de uma determinada região. (Philo, 1996: 275)
- 3 Nessa síntese, Philo alerta para o fato de alguns geógrafos terem se referido à “história geográfica” e não à Geografia Histórica. Sem entrar nessa discussão específica, com efeito, é a partir dos escritos de Darby que outros autores caracterizaram a Geografia Histórica como sendo a reconstrução da geografia do passado, ou a história da paisagem (Monkhouse, 1955 apud Philo, 1996: 276).
- 4 Um outro registro que trazemos em relação ao que aqui de forma bastante genérica se denomina de estudos clássicos da Geografia Histórica é a forte ou até indispensável presença da materialidade, ou mesmo coisas, que se destacam nas paisagens: campos de cultivo, casas, fábricas, formas diversas de relevo, estradas, ferrovias etc. Tal característica, segundo Philo (1996), apoiando-se em um ensaio de Beajeau-Garnier, somava-se à separação dada entre as disciplinas Geografia e História, já que “uma se concentrava em objetos imateriais (ou “ideais”) tais como pensamentos e ações humanos, enquanto a outra se concentrava em objetos materiais (...)” (Philo, 1996: 274).
- 5 Na literatura que trata da construção da Geografia Histórica, observa-se que seus campos de pesquisa estão diretamente associados aos campos de pesquisa da Geografia no sentido mais amplo – regional, urbana, agrária, população, cultural, ambiental – para citarmos as mais indicadas. Apesar dessa aparente diversidade temática, os estudos da paisagem apresentaram-se como o foco central, seja no sentido de revelar uma paisagem do passado, seja no de reconstituir a evolução da paisagem ou, ainda, no de buscar recompor as do passado a partir da paisagem do presente.
- 6 Assim como em qualquer campo do conhecimento, na Geografia Histórica também se verificam diferenças nas escolhas das categorias de análise que não mais necessariamente precisam tomar a paisagem como categoria central. Há estudos que priorizam a região, outros, o espaço, o território, a natureza, o lugar ou a área, a depender dos objetivos da pesquisa, do objeto teórico e empírico e também das

concepções teórico-metodológicas que também se mostram diversas: pesquisas quantitativas, qualitativas, positivistas, marxistas, fenomenológicas etc.

- 7 Sem embargo, faz-se necessário ressaltar uma qualidade que diferencia as pesquisas realizadas no campo da Geografia Histórica: trata-se da dimensão temporal, ou da importância da categoria tempo para esses estudos.<sup>2</sup> Diante da compreensão de que espaço e tempo não se separam, da impossibilidade de se apreender um sem o outro, uma vez que, como bem expressou Milton Santos (2006), “somente podemos separar espaço e tempo em abstração”, ou por um exercício do intelecto, a importância da escala temporal para os estudos da Geografia Histórica se torna premente. Pois não se trata apenas de levar em consideração o tempo histórico, ou mesmo o processo histórico, já que para a pesquisa se exige um recorte temporal, ou em outras palavras, o recorte temporal torna-se uma exigência metodológica que é muito própria dos que estudam História.<sup>3</sup> Sem pretender aprofundar a discussão a respeito da noção *tempo*, vale trazer algumas contribuições de historiadores que nos parecem caras para a pesquisa na Geografia Histórica.
- 8 Norbert Elias (1998) adverte para a questão de que o uso generalizado da noção de tempo, mesmo que tomada como um “fluxo uniforme e contínuo” que se deu a partir do desenvolvimento social de medição do tempo, quase como um conceito independente de outros, remete à clássica divisão do conhecimento em ciências naturais e sociais, como na Física, em que a noção de tempo é uma das mais importantes. O autor discorre sobre as primeiras medições de tempo e de espaço na história das sociedades, como se refere: “Os conceitos de espaço e tempo fazem parte dos instrumentos de orientação primordiais de nossa tradição social” (Elias, 1998: 79). Acrescenta-se o esclarecimento dado pelo autor:

A percepção e a determinação de posições espaciais e temporais só se tornam possíveis como tais, portanto, num estágio de evolução social em que os homens tenham aprendido a tratar os acontecimentos e a refletir sobre eles com a ajuda de instrumentos de orientação de nível relativamente elevado de generalização e síntese. (Elias, 1998: 80)
- 9 Na citação de Elias identifica-se uma outra noção importante para os estudos históricos e que está diretamente atrelada à noção de tempo. Trata-se da noção de *acontecimento*, esta também objeto de reflexão de vários autores. O acontecimento, por sua vez, também se modifica segundo as diferentes abordagens. No entendimento de François Dosse (2003: 172), que traz sua contribuição para a reflexão nas ciências humanas, o “historiador interroga-se sobre as diversas modalidades da fabricação e da percepção do acontecimento, baseada na sua trama textual”. Pensar sobre as noções de tempo e acontecimento, mesmo que seja uma prática efetiva do historiador, não pode deixar de estar presente nos estudos geográficos, pois como já expresso anteriormente, trata-se de pensar noções e conceitos que nos conduzem ao conhecimento. Por certo, a literatura que discute tais noções é ampla, mas a ideia aqui é indicá-las para que possamos pensá-las nos estudos da Geografia Histórica particularmente.
- 10 Diante do exposto, voltemos à necessidade da demarcação temporal. Trata-se, pois, de um exercício que não necessariamente se refere a um tempo cronológico, linear ou sucessivo, nem ainda, como bem lembra Jacques Le Goff, que a “realidade da percepção e divisão do tempo em função de um antes e um depois não se limita, a nível individual ou coletivo, à oposição presente/passado” e nem ao futuro. Há, portanto, um entendimento mais amplo quando nos referimos à demarcação temporal, considerando as continuidades e as descontinuidades, o passado, o presente e quiçá o futuro, os

calendários, as periodicidades, os processos longos e/ou mais curtos, entre outros. O que importa é, a partir da definição do tema e da problemática, estabelecer os marcos temporais. A problemática, portanto, ao ser definida, requer a delimitação temporal e espacial que pode se inserir em diferentes campos de pesquisa no âmbito da Geografia Histórica.

- 11 Mesmo cientes de que a exposição até o momento é sintética e generalista, ela é válida no sentido de introduzir o ponto em que, a partir de agora, nos deteremos: os campos de pesquisa da Geografia Histórica, tal como nos foi proposto.
- 12 Para a exposição, trazemos de volta a ideia apresentada por Norton (1984), de que inicialmente a pesquisa realizada na Geografia Histórica estava presa à materialidade. Tal característica tem consonância com o conhecimento histórico, uma vez que as discussões mais recentes ressaltam a importância dos estudos sobre uma série de objetos não necessariamente materiais, como a cultura, a memória, o relato, os costumes, as leis, a literatura etc.<sup>4</sup> Essa discussão se encontra no também já mencionado texto de Chris Philo (1996), no qual ele afirma que “esta geografia deixou de ser investigada como um ‘fim em si’, mas é introduzida para apontar a diferença crucial que a geografia na história faz para as questões e temas especificados na agenda (à primeira vista ‘ageográfica’ e ‘espacial’) dos historiadores” (Philo, 1996: 277). O autor expressa a introdução de “algo diferente” e que “este ‘algo diferente’ deve ser encontrado no raio de acontecimentos mais imateriais, entidades e estruturas que por convenção são tratados no campo da história” (Philo, 1996: 277).
- 13 Assim, o campo de pesquisa da Geografia Histórica torna-se cada vez mais vasto, e no intuito de explicar de forma mais concreta sobre ele, partimos das experiências desenvolvidas por mim e pelos integrantes do grupo de pesquisa ao qual estou vinculada – Grupo de Estudos Urbanos (GeUrb)/UFPB. Pela nossa prática, podemos então indicar dois campos de pesquisa na área da Geografia Histórica: a Geografia Histórica Urbana e a Geografia Histórica do Território, ou de forma mais direta, posso dizer que temos pesquisado a Geografia Histórica intra e interurbana.

## A Geografia Histórica Urbana

- 14 Como já afirmado anteriormente, é bastante evidente a estreita ligação da Geografia Histórica com a História, no que diz respeito ao objeto do conhecimento e às metodologias utilizadas. Nesse sentido, a Geografia Histórica Urbana apresenta conexão e interseção com a História Urbana.
- 15 Harold Carter (1983), na introdução do seu livro *An Introduction to Urban Historical Geography*, discorre sobre a interseção dos campos do conhecimento, em especial a Geografia Histórica Urbana e a História Urbana, e destaca como fundamental característica da primeira, a preocupação com a identificação, a interpretação e a explicação dos padrões espaciais e geográficos.<sup>5</sup> Entendemos que a distinção feita por Carter é uma das possibilidades de abalizar os estudos da Geografia Histórica Urbana, contudo, concordamos com Bresciani (2002), quando afirma que “dependendo do *ponto de vista* do estudioso, com frequência em estreito vínculo com sua formação profissional, a mesma aproximação teórica pode levar a ênfases diferentes”. Nesse sentido, complementa a autora: “Penso que a questão básica é, sem dúvida, a maneira pela qual o *tema* a ser estudado é problematizado” (Bresciani, 2002:18). Sem dúvida, os estudos sobre a cidade, sobre o urbano, são fundamentalmente transdisciplinares, uma

vez que a interdisciplinaridade pode conduzir a uma não visão do conjunto da História, como escreveu o urbanista referenciado também no mesmo texto de Bresciani, Reis Filho (1991:15):

As áreas profissionais parecem ilhas. Cada vez que nos reunimos para discutir esse tema [a história da urbanização – história urbana], temos a impressão que a nossa história urbana não é a mesma de outros profissionais. Hoje há uma tendência em desqualificar as visões de conjunto da história. Mas, em nossa área, ela é fundamental pois estudamos nosso objeto em várias escalas. A nossa é a área de história da urbanização. Não a história das cidades, mas a história da urbanização. Chamá-la de história urbana será uma concessão ao uso, mas já é redução conceitual.

- 16 Desse modo, ao estudarmos ou fazermos Geografia Histórica Urbana, estamos trabalhando em um campo que se soma, que faz interseção e que também contribui com as pesquisas da História Urbana, do urbanismo, ou como prefere Reis Filho, da história da urbanização.
- 17 Se na História e no urbanismo os trabalhos sobre a história da cidade, do espaço urbano e da urbanização integram há muito tempo o *métier* dos profissionais, na Geografia brasileira, a história da cidade normalmente compõe um capítulo inicial de um trabalho, uma narrativa simplificada da história do espaço escolhido para a pesquisa, na maioria das vezes na perspectiva evolucionista. É feita, com frequência, a partir de historiografias anteriores, sem maior preocupação metodológica ou teórica, herança da metodologia difundida por Monbeig (1957), com base nas conhecidas “Monografias Urbanas”, sistematicamente apresentadas no texto “O Estudo Geográfico das Cidades”, em que o autor define as etapas para a sua realização: 1) posição da cidade; 2) a evolução urbana e 3) a função urbana. Para Monbeig (1957), o  
(...) estudo da situação e do local não pode se resumir apenas à descrição dos elementos geográficos: é preciso mostrar, concomitantemente, como os homens tiraram partido dos mesmos, de modo mais ou menos feliz, segundo as épocas [...]; é preciso dizer como e quando. Vai assim a geografia solicitar elementos à história e ao urbanismo. (Monbeig, 1957: 44-45)
- 18 No que diz respeito à segunda etapa, o supracitado autor afirma que o importante é “trazer à luz” o dinamismo dos homens e de suas obras e que “a evolução urbana deve ser estudada sob seus diferentes aspectos, mas sempre do ponto de vista geográfico”. Por conseguinte, o autor explica ser necessário “analisar ‘a evolução do espaço’: as etapas, não mais apenas de sua formação, mas de sua progressão, o ritmo e as circunstâncias dessas etapas” (Monbeig, 1957: 45).
- 19 Apoiados nos ensinamentos de Monbeig, foram realizados os primeiros estudos sobre as cidades brasileiras, em que a apresentação da “evolução urbana” acabou constituindo uma “tradição metodológica” que permanece nos estudos urbanos desde os anos 1950, trazendo, sem dúvida, variações teórico-metodológicas. Contudo, comumente se tratava de iniciar os textos apresentando de forma sintética a história da cidade, na maioria das vezes, de maneira evolutiva.
- 20 Em 1987, Maurício de Abreu publica o livro *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Apesar de o título remeter diretamente aos estudos de Monbeig, a obra inaugurou um caminho de pesquisa na Geografia Urbana brasileira até então não explorado: o da Geografia Histórica Urbana. Essa não era exatamente a intenção do autor, como bem explica no prefácio à quarta edição:

O que me levou a escrever este livro foi a oportunidade que tive, quando ainda iniciava a carreira, de desenvolver uma pesquisa de natureza acadêmica num ambiente não-acadêmico, de escrever um trabalho que se distinguia dos outros que eu fazia, não apenas por sua temática, mas sobretudo, pela dimensão temporal que incorporava, pela análise diacrônica que exigia. (Abreu: 2010a: 7)

- 21 Após a publicação de *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, Mauricio de Abreu dedicou-se cada vez mais à pesquisa no campo da Geografia Histórica, particularmente à Geografia Histórica Urbana e também à Territorial. Na apresentação da obra, *Escritos sobre espaço e história*, que reúne textos de Mauricio de Abreu, seus organizadores, Fania Fridman e Rogerio Haesbaert declaram que os trabalhos mais teóricos reunidos no livro revelam a importância das reflexões do autor “por meio de duas abordagens distintas: a relação espaço-tempo e o nexos entre a Geografia e a História que se manifestam através do conceito de memória espacial (das cidades); e a história do pensamento geográfico trabalhada pela ótica da Geografia Urbana brasileira” (Fridman e Haesbaert, 2014: 10). Sem dúvida, encontra-se, nos escritos de Abreu, uma “defesa” da Geografia Histórica no Brasil. Como ele próprio escreveu, e Fridman e Haesbaert destacam, havia uma “espécie de ditadura do presente – e, conseqüentemente, de certa concepção de espaço geográfico – sobre o estudo do passado, ou seja, sobre uma determinada concepção de tempo histórico” (Id., *ibid.*: 10). Assim, continuam Fridman e Haesbaert, Abreu “defende uma Geografia Histórica que, sem desconhecer a força mais subjetiva da memória urbana, dialogue sobretudo com a História Urbana, no sentido de destacar o papel do espaço na construção do passado social” (Id., *ibid.*: 11).
- 22 Com efeito, observa-se que as pesquisas e os trabalhos de Mauricio de Abreu se debruçam sobre a Geografia Histórica e em particular a Geografia Histórica Urbana e também do Território, quando publica, em 2010, a grandiosa obra, editada em dois volumes, *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*. Na introdução do volume 1, o autor apresenta as dificuldades enfrentadas, tais como a escassez das fontes, já que estava tratando de um período “tão distante”, e a necessidade de “discutir um lugar sem que se caia no senso comum, isto é, sem referenciá-lo à simples localização absoluta de uma parte de decisões teórico-metodológicas que precisam ser explicitadas”, bem como, ao se “estudar um *lugar do passado*”, de explicitar bem “que lugar é esse e que passado é esse”, o que por sua vez conduz ao imperativo de “discutir geografia, história, geografia histórica e o Rio de Janeiro de outrora” (Abreu, 2010b: 15, grifos do autor).
- 23 Na literatura da Geografia brasileira, outra referência que se destaca no campo da Geografia Histórica Urbana é Pedro de Vasconcelos. Este, parceiro de Mauricio de Abreu, tem conduzido suas pesquisas sobre o percurso da Geografia Histórica e particularmente sobre a cidade de Salvador. O autor se dedica também ao que denomina “pensamento sobre a cidade”. Vasconcelos constrói uma Geografia Histórica da cidade de Salvador, numa perspectiva que podemos dizer de longa duração, apresentada no livro *Salvador: transformações e permanências (1549-1999)*, publicado inicialmente em 2002 e com uma segunda edição lançada em 2016. Sua obra prima pela riqueza documental, a que chamou atenção Abreu ao se referir à pesquisa no campo da Geografia Histórica, e montando um quebra-cabeças, produz a Geografia Histórica de Salvador desde o século XVI até o final do século XX. Suas contribuições, assim como as de Mauricio Abreu, enriquecem a história da Geografia Urbana brasileira.
- 24 Além dos dois autores citados, outros vêm pesquisando sobre Geografia Histórica Urbana no Brasil; um grupo vai assim se consolidando, devido não só ao maior número

- de programas de pós-graduação em Geografia, mas também à continuidade da aproximação entre pesquisadores dedicados às áreas Geografia Urbana, História da Cidade e Urbanismo, que reúnem estudiosos de diferentes campos do conhecimento.
- 25 Vale acrescentar que no âmbito da pesquisa na Geografia Histórica Urbana, além dos estudos que trazem a recomposição da história das cidades na perspectiva da construção do espaço, ou seja, dos estudos diacrônicos, ressalta-se a importância das pesquisas no campo da morfologia urbana.
- 26 Na obra de Dietrich Denecke e Gareth Shaw (2011), *Urban Historical Geography: Recent progress in Britain and Germany*, há capítulos que tratam da “evolução urbana” no período medieval, estudos sobre a análise espacial numa perspectiva econômica no século XIX, outros que abordam as alterações da função urbana, bem como análises sobre a morfologia urbana. A respeito dos estudos sobre a morfologia urbana, destaca-se a contribuição de Jeremy Whitehand, que nesse mesmo livro escreveu o capítulo *Recent developments in urban morphology*. A temática está presente também nos estudos clássicos, como no já citado *An Introduction to Urban Historical Geography*, de Harold Carter. É, pois, perceptível, a valiosa contribuição da Geografia Histórica britânica.
- 27 Segundo Horacio Capel (2002: 26-27), o “princípio da ‘area uniformity and diversity’ se aplicou também ao estudo das áreas urbanas no sentido morfológico, com a busca da ‘areal organization’” (Capel, 2002: 26-27).<sup>6</sup> A princípio e durante um longo período, os estudos sobre a morfologia urbana limitaram-se à “evolução do plano e a classificação de seus distintos tipos” (Id., *ibid.*: 27).<sup>7</sup> Nessa mesma obra, Capel faz referência ao grupo de pesquisa coordenado pelo professor Jeremy Whitehand, anteriormente mencionado.
- 28 A morfologia urbana permite análises tanto na perspectiva diacrônica quanto na sincrônica e, apesar das apresentações descritivas sobre a forma das cidades, a análise morfológica possibilita conhecer os processos que desencadearam as diferentes formas, ou seja, é possível ir além da forma, procurando desvendar o seu conteúdo (Carlos, 1999). As pesquisas a ela relacionadas constituem, pois, um campo de investigação bastante profícuo para a Geografia Histórica Urbana.

## Registros de Pesquisas: contribuições para a Geografia Histórica Urbana

- 29 As pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Urbanos da Universidade Federal da Paraíba iniciaram-se com estudos sobre a Cidade da Parahyba,<sup>8</sup> mais especificamente com o Projeto de Pesquisa “A rua e a cidade: Geografia Histórica, morfologia e cotidiano”.<sup>9</sup> Como o próprio título indica, buscou-se unir a análise da morfologia urbana à perspectiva da vida cotidiana, particularmente no século XIX. A pesquisa exigiu um esforço inicial na busca de acervos históricos e documentos sobre a cidade. Essa foi uma primeira conquista, que tem favorecido a realização de vários outros estudos sobre a cidade. Para o projeto citado, observou-se o traçado urbano e o parcelamento do solo, registrando-se os termos que os nomeiam: alinhamento, demarcação, desincorporação, arruamento, as datas ou dadas de chão, e por fim os lotes e os loteamentos que surgiram com o sistema de compra e venda da terra. Foi possível observar que tais designações refletem o conjunto de mudanças ocorridas na cidade e mais precisamente nas suas ruas, como bem já expressou Murilo Marx (1999). A partir do registro das normativas urbanas, das leis e das instituições responsáveis pelo

ordenamento espacial, a análise abrangeu também as mudanças na vida econômica e social. Assim, tendo a rua como recorte espacial, buscou-se compreender as diferentes espacialidades e temporalidades e, ainda, o cotidiano da então Cidade da Parahyba.<sup>10</sup>

- 30 A pesquisa avançou e se desdobrou em outras, como “Higiene, Ordem e Embelezamento: a rua e a cidade no século XIX e princípios do século XX”. Tal proposta deu continuidade ao estudo da rua como elemento basilar da cidade e expressão da vida urbana. No entanto, priorizou a análise da incorporação dos preceitos higienistas para as alterações na sua morfologia e nas determinações sobre a vida urbana. Partiu-se do entendimento de que as deliberações não foram criadas isoladamente, mas resultaram de ideais universais, muitos trazidos de países europeus que criaram as suas normativas higiênicas e implementaram reformas urbanísticas, seja na forma de projetos de expansão da cidade, seja por meio de cirurgias urbanas. As ruas da cidade da Parahyba foram escolhidas como campo empírico de investigação, em especial aquelas que marcaram a forma, a paisagem urbana e a vida na cidade que se denominou histórica, e que já vinham sendo estudadas na pesquisa anteriormente mencionada.<sup>11</sup>
- 31 Observe-se que os dois projetos de pesquisa têm em comum, além do recorte espacial – as ruas da Cidade da Parahyba –, o recorte temporal – o século XIX e o princípio do século XX. A problemática em foco abrangia o ordenamento, associado ao embelezamento inspirado nas reformas de Paris e posteriormente do Rio de Janeiro, bem como os preceitos de higiene, visto que nesse período as epidemias acometiam as cidades, constituindo um grande problema para os governantes. “O adensamento populacional, a aglomeração humana geravam como subproduto as enfermidades de massa, as epidemias, realidade presente nas cidades que ingressavam na área da modernidade e da industrialização” (Pechman e Fritsch, 1985: 141). Paralelamente surgem novas teorias médicas a respeito da origem das doenças e também um novo jeito de pensar e ordenar as cidades, que vão, por sua vez, produzir normas e regulamentos de controle do comportamento da população. Esses preceitos compõem o que se denominou Higienismo que, tendo como princípios a higiene e a salubridade dos lugares, resultou em mudanças na estrutura das cidades, bem como na vida das pessoas.
- 32 Segundo Maurício de Abreu (1997), “o pensamento higienista, que já se projetava na Europa há algum tempo, vai também fincar as suas bases no Brasil” no início do século XIX e adotará uma política médica para as áreas urbanas. Isto é, complementa o autor, “uma política de saúde destinada a colocar os interesses coletivos acima dos individuais” (Abreu, 1997: 38). A partir das instituições de ensino médico no país, o movimento higienista ganhou relevância e passou a ser difundido no Brasil, mas é no Rio de Janeiro, então a maior cidade e a capital do país, que o Higienismo “vai mostrar toda a sua força” (Abreu, 1997: 42).
- 33 Com o advento do Higienismo, as cidades brasileiras tiveram que ser adequadas às determinações do movimento. O intuito era o de amoldá-las aos padrões de salubridade, por meio do ordenamento dos espaços públicos e da implantação de equipamentos urbanos modernos que favorecessem o desaparecimento dos espaços insalubres, provocadores das enfermidades.
- 34 As normatizações do espaço urbano não se deram unicamente sobre as habitações, mas também determinaram a construção de cemitérios, hospitais e mercados públicos. Além de prescrever suas funções, fixavam a localização desses estabelecimentos: aqueles considerados infectos, deveriam situar-se em áreas distantes da cidade, ou seja,

apartados da urbe moderna. A respeito dos hospitais, por exemplo, afirma Foucault (1990: 108):

A questão do hospital, no final do século XVIII, é fundamentalmente a do espaço ou dos diferentes espaços a que ele está ligado. Em primeiro lugar, onde localizar o hospital, para que não continue a ser uma região sombria, obscura, confusa em pleno coração da cidade, para onde as pessoas afluem no momento da morte e de onde se difundem, perigosamente, miasmas, ar poluído, água suja, etc.? É preciso que o espaço em que está situado o hospital esteja ajustado ao esquadramento sanitário da cidade. É no interior da medicina do espaço urbano que deve ser calculada a localização do hospital.

- 35 O direcionamento de hospitais para lugares distantes da cidade fundamentava-se na teoria do contágio e tornou-se mais emblemático com a profusão das epidemias. Pelo mesmo motivo é que se proibem exumações no interior das igrejas e se ordena a construção dos cemitérios também em locais mais afastados.
- 36 Esse conjunto de preceitos e de determinações irá fundamentar os princípios de gestão e de ordenação do espaço urbano e implicará em uma reestruturação da morfologia urbana, uma vez que os administradores e legisladores das cidades à época, pautados nos conhecimentos médicos, procuram cada vez mais adequar as cidades às regras higiênicas que, por conseguinte, deveriam evitar a proliferação de doenças, vícios e hábitos insalubres. Assim, ainda que em diversas escalas e graus variados de intensidade, observa-se uma tendência geral em ajustar as cidades brasileiras aos padrões da modernidade, da salubridade e da higiene. Nesse sentido, na então Cidade da Parahyba não seria diferente. Os documentos oficiais e as matérias jornalísticas expressam as determinações e as normatizações, bem como uma pretensão, principalmente por parte dos seus governantes, em concretizar profundas mudanças em sua estrutura e morfologia, para transformá-la também em uma cidade moderna, higiênica e salubre.
- 37 Tais constatações foram realizadas por Nirvana Sá, em sua dissertação de mestrado, *A Cidade no despertar da era higiênica: a Cidade da Parahyba e o Movimento Higienista (1854-1912)* (Sá, 2009), pesquisa a que a autora deu continuidade no doutorado realizado no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ, de que resultou o trabalho *Do Higienismo ao Sanitarismo: Alterações do Espaço Urbano da Cidade da Parahyba entre 1912 e 1927* (Sá, 2016), avançando, assim, na construção da Geografia Histórica da Cidade da Parahyba por meio de novas pesquisas, voltadas agora para outras questões fundamentais, como a estrutura fundiária e a constituição de um mercado imobiliário nos primórdios do século XX.<sup>12</sup>
- 38 Para além da Cidade da Parahyba, a pesquisa na Geografia Histórica Urbana por nós desenvolvida, abre um novo recorte espacial. Desde a formulação e a aprovação do projeto inicialmente desenvolvido no pós-doutorado realizado no IPPUR/UFRJ no período de 2012 a 2013, *Cidades Bocas de Sertão, Pontas de Trilho e Estações Ferroviárias: As marcas e as consequências da ferrovia na morfologia urbana e na dinâmica socioespacial das cidades do interior do Brasil*,<sup>13</sup> estabeleceu-se como foco cidades do interior do território brasileiro.
- 39 O principal objetivo desse projeto foi analisar as transformações na morfologia urbana e na dinâmica socioespacial a partir da implementação da ferrovia nas cidades caracterizadas e denominadas como “Bocas de Sertão” e que se tornaram “Cidades Pontas de Trilho” ou foram importantes cidades ferroviárias. O recorte temporal definido abrangeu o final do século XIX e início do século XX, por ser o período em que

as ferrovias foram instaladas nas cidades com as características indicadas. A implementação da ferrovia, além de provocar alterações na forma das cidades, imprimiu uma nova dinâmica socioespacial, muitas vezes conduzindo a um processo de (re)estruturação. Destaca-se que embora os objetos espaciais selecionados sejam outros, o recorte temporal apresenta uma correspondência com o que já vinha sendo estudado nas pesquisas sobre a Cidade da Parahyba, ou seja, o final do século XIX, caracterizado pela mudança sociopolítica brasileira, marcada pela passagem do Brasil Império para o Brasil República, o que requer um conhecimento sobre a sociedade, a política, a economia, enfim, sobre o período estudado. Assim, partimos da compreensão de que ocorreram então alterações profundas na sociedade brasileira, assim como na política de ordenamento territorial e também nas cidades, tanto no que se refere à implementação de novos equipamentos, quanto ao cotidiano dos seus habitantes. A instalação da ferrovia, introduzindo um novo edifício na cidade – a estação ferroviária –, além de modificar a rede urbana brasileira, provocou a expansão da malha urbana com a abertura de novas ruas, alterando sua dinâmica.

40 Na primeira etapa da pesquisa, foram eleitas como objeto de análise cidades localizadas no denominado “interior” do Brasil: Campina Grande, Paraíba; Feira de Santana, Bahia; Montes Claros, Minas Gerais; Uberlândia, Minas Gerais; São José do Rio Preto, São Paulo; Londrina, Paraná e Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Todas elas foram “bocas de sertão” e se tornaram ou “pontas de trilho” ou cidades à beira da linha, com estações ferroviárias. Vale ressaltar que a pesquisa tomou como base inicial os estudos realizados pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe),<sup>14</sup> que possibilitaram reunir material bibliográfico e cartográfico, bem como permitiram o acesso às fontes por meio do contato com pesquisadores nas diferentes localidades. Dada a dimensão que a pesquisa foi tomando, os resultados foram sendo apresentados, reunindo algumas das cidades sob determinados focos: as justificativas para a implementação das ferrovias, a importância dessa iniciativa para o semiárido nordestino, as diferentes repercussões na malha urbana, entre outros (Cf. Maia, 2016, 2017 b).

41 À medida que a pesquisa foi avançando, novas questões foram surgindo, e para dar continuidade a ela, um projeto foi elaborado e submetido ao Edital Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, o qual se encontra em andamento. Embora se dê prosseguimento aos estudos sobre a ferrovia nas cidades “bocas de sertão”, o foco central passa a ser a constituição do centro dessas cidades. A pesquisa “Ferrovia, Morfologia e Estrutura Urbana: A constituição dos centros nas Cidades Bocas de Sertão – Pontas de Trilho” (Maia, 2017a) está em curso, sendo reforçada por um outro projeto que amplia a discussão para a questão do patrimônio histórico e cultural.<sup>15</sup> Ainda que apresente consonância no quesito – ferrovia, morfologia e estrutura urbana – introduz a problemática de um tema também do presente, o patrimônio histórico, o patrimônio ferroviário e o patrimônio cultural, sobre o qual Mauricio de Abreu ponderou em *Sobre a memória das cidades*:

Independentemente do que estaria por trás desse movimento de preservação da herança (histórica ou construída) do passado, uma coisa se nos afigura como essencial: a ‘memória urbana’ é hoje um elemento fundamental da constituição da identidade de um lugar. Busca-se com grande afã recuperá-la. (Abreu, 1998: 81)

42 Esse “afã” a que o autor se refere é bastante visível nas grandes cidades e mesmo nas menores, inclusive no interior do território brasileiro, no sentido explicitado pelo autor, de uma busca por certa “singularidade”.

- 43 Porém, o que se vem observando quando se trata do patrimônio histórico ferroviário é de forma geral um grande desprezo ou desconsideração de sua importância. No máximo, são verificadas algumas ações para a preservação dos edifícios das estações ferroviárias.<sup>16</sup> Nas cidades “Bocas de Sertão” e “Pontas de Trilho” estudadas, observa-se que pouco se conhece sobre a sua história, o seu patrimônio. Entende-se que os espaços ferroviários que ainda se encontram cravados nas malhas urbanas podem ser testemunhos da atividade humana e da história da operação e da técnica ferroviária no Brasil. Dessa forma, a pesquisa tem como um dos objetivos fazer o registro desses espaços para então afirmar, ou não, o seu significado histórico, cultural e arquitetônico. Para tanto, faz-se necessário compreender a história desse equipamento para a localidade. Daí a importância da Geografia Histórica Urbana, associada à Geografia Histórica Territorial e à discussão sobre memória e patrimônio.
- 44 Pelo exposto, acredita-se que o conjunto de pesquisas realizadas, em certa medida a passos lentos, tem contribuído com o fazer Geografia Histórica no Brasil, elegendo-se como enfoque central o espaço urbano ou o campo da Geografia Histórica Urbana. Desenvolvida desde as contribuições dadas por Abreu e Vasconcelos, vem sendo instigada por um grupo de novos doutores e mestres formados nos diversos programas de pós-graduação, mesmo que não seja uma área que congregue muitos pesquisadores. Mantém-se, pois, o propósito em fortalecer este campo disciplinar, mas principalmente oferecer maiores subsídios aos estudos sobre a construção da Geografia Histórica brasileira.

---

## BIBLIOGRAFIA

Abreu, Mauricio de Almeida (2010a). *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed., 2. imp. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos.

Abreu, Mauricio de Almeida (2010b). *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*, v. 1. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estudio Editorial Ltda.

Abreu, Maurício de Almeida (Org.) (2005). *Rio de Janeiro: Formas, movimentos, representações*. Estudos de Geografia Histórica Carioca. Rio de Janeiro: Da Fonseca Comunicação.

Abreu, Maurício de Almeida (1997). “Pensando a cidade no Brasil do passado”. In: Silva, José Borzacchiello da; Costa, Maria Clélia Lustosa; Dantas, Eustóquio Wanderley Correia (org.). *A cidade e o urbano*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, pp. 27-54.

Abreu, Mauricio de Almeida (1998). “Sobre a memória das cidades”. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia I série*, v. XIV, pp. 77-97.

Albuquerque Junior, Durval Muniz (2009). “A dimensão retórica da historiografia”. In: Pinsky, Carla B.; Luca, Tania R. (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, pp. 223-250.

Bresciani, Maria Stella (2002). “Cidade e História”. In: Oliveira, Lúcia Lippi. *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Burke, Peter (Org.) (1992). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP.

- Capel, Horacio (2002). *La morfología de las ciudades*. I - Sociedad, cultura y paisaje urbano. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Carlos, Ana Fani A. (1999). "Morfologia e temporalidades urbanas – o tempo efêmero e o espaço amnésico". In: Vasconcelos, Pedro de A.; Mello e Silva, Sylvio Bandeira. *Novos estudos de geografia urbana brasileira*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Carter, Harold (1983). *An Introduction to Urban Historical Geography*. London: Edward Arnold, 1983.
- Darby, Henry Clifford (2002). *The Relations of History and Geography*. Liverpool: Liverpool Press.
- Denecke, Dietrich; Shaw, Gareth (Orgs.) (2011). *Urban Historical Geography*. 2ed. Recent Progress in Britain and Germany. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dosse, François (2003). *A História*. Bauru-SP: EDUSC.
- Elias, Norbert (1998). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Freire, Maria Emilia Lopes (2017). *Patrimônio ferroviário: a preservação para além das estações*. 264 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano e Regional). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Fridman, Fania; Haesbaert, Rogerio (Orgs.) (2014). *Escritos sobre espaço e história*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Foucault, Michel (1990). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Le Goff, Jacques (1996). *História e Memória*. 4. ed. Campinas-SP: Editora Unicamp.
- Maia, Doralice Sátyro (2006). "Uma Cidade em reconstrução: A Cidade da Parahyba (Brasil) no século XIX". *Scripta Nova* (Barcelona), v. X, pp. 1-20.
- Maia, Doralice Sátyro (2008). "Ruas, casas e sobrados da cidade histórica: entre ruínas e embelezamentos, os antigos e os novos usos". *Scripta Nova* (Barcelona), v. XII, p. 1/270 (134) pp. 1-20.
- Maia, Doralice Sátyro (2009). "Ordenamento, higiene e embelezamento: as ruas da Cidade da Parahyba no século XIX e início do século XX". *Bahia Análise & Dados*, v. 19, pp. 577-588.
- Maia, Doralice Sátyro (2016). "A ferrovia nas cidades bocas de Sertão: alterações na morfologia urbana e no território brasileiro". In: Gladys Sabina Ribeiro; Adriana Pereira Campos (orgs.). *Histórias sobre o Brasil no oitocentos* [recurso eletrônico]. 1ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, pp. 37-54.
- Maia, Doralice Sátyro (2017a). "A ferrovia nas cidades bocas de sertão. Alterações na morfologia e na estrutura urbana". *Terra Brasilis* (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, v. 8, pp. 1-16.
- Maia, Doralice Sátyro (2017b). "De Cidade Boca de Sertão a cidade Ponta de Trilho ou cidade ferroviária: a implementação da ferrovia e a reconfiguração do Núcleo Primaz". In: Maia, Doralice Sátyro; Silva, William Ribeiro da; Whitacker, Arthur Magon. (orgs.). *Centro e centralidade em cidades médias*. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica/ Editora Unesp, pp. 61-91.
- Maia, Doralice Sátyro; Sá, Nirvana Lígia A Rafael de (2008). "A Festa na cidade no século XIX e início do século XX: lembranças e memórias da cidade da Parahyba – Brasil". *Ateliê Geográfico* (UFG), v. 2, pp. 18-39.
- Marx, Murilo (1999). *Cidade no Brasil em que termos?* São Paulo: Studio Nobel.

- Monbeig, Pierre (1957). *Os Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Nascimento, Rebeca Aguiar do (2013). *As transformações na cidade da Parahyba: as apropriações e as comercializações e a segregação socioespacial no subúrbio Jaguaribe*. Dissertação (Mestrado em Geografia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.
- Norton, William (1984). *Historical Analysis in Geography*. London/New York: Longman.
- Pechman, Sergio; Fritsch, Lílian (1985). “A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 5, n. 8/9, pp. 139-196.
- Philo, Chris (1996). “História, geografia, e o ‘mistério ainda maior’ da história da geografia histórica. In: Gregory, Derek; Martin, Ron; Smith, Graham (Org.) (1996). *Geografia Humana: Sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 269-298.
- Reis Filho, Nestor Goulart (1991). “Sobre a história da urbanização: história urbana”. *Espaço & Debates*, Neru, n. 34, pp. 15-18.
- Sá, Nirvana L. Albino Rafael de (2009). *A Cidade no despertar da era higiênica: A Cidade da Parahyba e o Movimento Higienista (1854-1912)*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. (Dissertação de Mestrado em Geografia).
- Sá, Nirvana L. Albino Rafael de (2016). *Do Higienismo ao Sanitarismo: Alterações do Espaço Urbano da Cidade da Parahyba entre 1912 e 1927*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ IPPUR.
- Sá, Nirvana L. A. Rafael de; Maia, Doralice Sátyro (2012). “Movimento higienista e alterações do espaço urbano na Cidade da Parahyba (1854-1912)”. *Mercator* (Fortaleza. Online), v. 11, pp. 87-102.
- Santos, Milton (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Soares, Maria Simone Moraes (2018). *Ferrovia e Configuração Territorial: a Estrada de Ferro Conde D’Eu na Província da Parahyba do Norte (1871-1901)*. 301 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Vasconcelos, Pedro de Almeida (1997). “Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial”. In: Castro, Iná Elias de; Gomes, Paulo Cesar da Costa; Corrêa, Roberto Lobato (Orgs.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 247-278.
- Vasconcelos, Pedro de Almeida (1999a). *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*. Ilhéus: Editus.
- Vasconcelos, Pedro de Almeida (1999b). “Questões metodológicas na geografia urbana histórica”. In: Vasconcelos, Pedro de Almeida; Mello e Silva, Sylvio Bandeira. *Novos estudos de geografia urbana brasileira*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, pp. 161-172.
- Vasconcelos, Pedro de Almeida (2011). “Da evolução urbana à geografia histórica do Rio de Janeiro: uma análise da produção de Mauricio de Abreu”. *Revista Cidades, Outras Expressões*, v. 8, n. 14, pp. 609-622.
- Vasconcelos, Pedro de Almeida (2016). *Salvador: transformações e permanências (1549-1999)*. 2. ed. Salvador: EDUFBA.

## NOTAS

1. A autora refere-se à temática da mesa redonda “O campo da Geografia Histórica: Teoria e Método em questão”, realizada no colóquio que deu origem a este dossiê.
2. Durval Muniz de Albuquerque Junior expõe de forma bastante clara a importância da definição de um tema para o pesquisador iniciante chegar à problemática e desta conseguir delimitar a dimensão temporal. As explicações dadas pelo autor, muito embora sejam dirigidas para o pesquisador historiador que se inicia na pesquisa, são válidas e em muito contribuem para a pesquisa na Geografia Histórica (Albuquerque Junior, 2009).
3. A respeito do conceito de tempo, indicamos a leitura da obra *Sobre o Tempo*, de Norbert Elias (1998).
4. Cf. Dosse (2003), Burke (1992) e Le Goff (1996).
5. “The approach is geographical and hence concerned with the identification, interpretation and explanation of spatial patterns” (Carter, 1983: XV).
6. No original: [el] principio de la ‘area uniformity and diversity’ se aplicó también al estudio de las áreas urbanas en sentido morfológico, con la búsqueda de la ‘areal organization’.
7. No original: “la evolución del plano y la clasificación de los distintos tipos de éste”.
8. Nome antigo de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.
9. Pesquisa inicialmente desenvolvida com recursos do CNPq, bolsas de iniciação científica – PIBIC – UFPB/CNPq.
10. Os resultados da pesquisa podem ser encontrados em Maia (2006, 2008) e Maia e Sá (2008).
11. Para maiores detalhes, consultar Maia (2009) e Sá e Maia (2012).
12. A respeito da estrutura fundiária da Cidade da Parahyba, ver Nascimento (2013). Acrescenta-se que a estrutura fundiária e a constituição de um mercado imobiliário são centrais na pesquisa que está sendo desenvolvida por Wilma Lucena no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB em nível de doutorado.
13. Pesquisa desenvolvida com o auxílio do CNPq, Bolsa de Pós-Doutorado Sênior 2012-2013.
14. As pesquisas foram desenvolvidas com recursos do CNPq e da CAPES, particularmente dos Editais Casadinho e Procad.
15. As pesquisas são: *Ferrovia, Morfologia e Estrutura Urbana: A constituição dos centros nas Cidades Bocas de Sertão – Pontas de Trilho* – Edital Bolsa de Produtividade em Pesquisa – CNPq 2015 e *Ferrovia e Centralidade nas Cidades Bocas de Sertão do Semiárido Brasileiro: Geografia Histórica Urbana, Dinâmica Socioespacial e Patrimônio*. Edital Universal 2016 – CNPq.
16. A tese de doutorado de Maria Emilia Freire traz valiosas contribuições a respeito da Rede Ferroviária *Great Western* e para a discussão sobre o patrimônio ferroviário.

---

## RESUMOS

A Geografia Histórica é reconhecida como um campo da Geografia, cujo transcurso histórico remonta às raízes do conhecimento geográfico, ou aos estudos sobre a transformação da paisagem e a evolução das formas espaciais. Um dos seus principais atributos é a importância dada à relação espaço e tempo, nas perspectivas diacrônicas e sincrônicas. A demarcação temporal é, pois, uma das características da Geografia Histórica. Entende-se que, para pensar o espaço em um tempo pretérito se faz necessário considerar as continuidades e as discontinuidades do processo histórico. A problemática de uma pesquisa portanto, ao ser

definida, requer a demarcação temporal e espacial, que se pode inserir nos diferentes campos de pesquisa no âmbito da geografia histórica. Com base nas experiências de pesquisa realizadas pelos membros do “Grupo de Estudos Urbanos” (GeUrb/UFPB), discute-se de forma mais concreta os amplos campos de pesquisa na geografia histórica: a Geografia Histórica Urbana e a Geografia Histórica do Território. A proposta é, desde um referencial teórico, indicar as principais contribuições nesse campo do conhecimento e oferecer aportes aos estudos sobre a construção da Geografia Histórica Brasileira.

La Geografía Histórica es reconocida como área de la Geografía, cuyo transcurso histórico remonta a las raíces del conocimiento geográfico, o a los estudios sobre la transformación del paisaje y a la evolución de las formas espaciales. Uno de sus principales atributos es la importancia dada a la relación espacio y tiempo, en las perspectivas diacrónicas y sincrónicas. La demarcación temporal es, pues, una de las características de la Geografía Histórica. Se entiende que, para pensar el espacio, en un tiempo pretérito, es necesario considerar las continuidades y las discontinuidades del proceso histórico. La problemática de una investigación, por lo tanto, al ser definida, requiere la demarcación temporal y espacial, que se puede insertar en diferentes campos de investigación en el ámbito de la geografía histórica. Con base en las experiencias de investigación realizadas por los miembros del “Grupo de Estudios Urbanos” (GeUrb/UFPB) se discute de forma más concreta dos campos amplios de investigación en geografía histórica: la Geografía Histórica Urbana y la Geografía Histórica del Territorio. La propuesta es, desde un referencial teórico, indicar las principales contribuciones en ese campo del conocimiento y ofrecer aportes a los estudios sobre la construcción de la Geografía Histórica Brasileña.

Historical Geography is known as a subarea of Geography which remotes to the roots of geographical knowledge, or the study of landscape transformation and the evolution of spatial forms. One of the main attributes of Historical Geography is importance given to the relation of time and space, both in the diachronic and synchronic perspectives. Temporal outlining is another characteristic of the subdiscipline. We understand that to think about a preterit time and space, one must consider the continuities and discontinuities of the historical process. The problematic of a research requires, therefore, a spatial and temporal delimitation. Basing ourselves in the research experiences realized by the “Grupo de Estudos Urbanos” (Urban studies groupe – GeUrb/UFPB), we discuss more concretely two broad fields of historical geography: Urban historical geography and Territorial historical geography. We purpose that, through a theoretical referential, indicate the main contributions made in this field of studies to the construction a Brazilian Historical Geography.

La Géographie Historique est reconnue comme un sous-champs de la Géographie, dont le parcours historique remonte aux sources de la connaissance géographique, ou alors aux études sur la transformation du paysage et l'évolution des formes spatiales. Une des caractéristiques plus fondamentales c'est l'importance attachée au rapport espace/temps dans les perspectives diachronique et synchronique. La démarcation temporelle c'est alors une des caractéristiques de la Géographie Historique. On remarque que pour penser l'espace dans un temps passé, il faut considérer les continuités et les discontinuités du trajet historique. La problématique d'une recherche lorsqu'elle est définie c'est qu'elle demande donc la délimitation temporelle et spatiale (spatiotemporelle) que peut s'insérer en différents champs de recherche dans la sphère de la géographie historique. C'est avec l'appui de l'expérience des recherches accomplies dans le champs d'action du Groupe des Études Urbains (GeUrb/UFPB), qu'on analyse de façon plus concrète sur deux larges champs de la recherche dans la géographie historique: la Géographie Historique Urbaine et la Géographie Historique du Territoire. La proposition — depuis un référentiel théorique —, c'est celui de désigner les apports plus importants dans cette branche du

savoir et offrir des subventions aux études sur la construction de la Géographie Historique Brésilienne.

## ÍNDICE

**Mots-clés:** géographie historique, géographie historique urbaine, géographie historique du territoire, relation espace-temps

**Palabras claves:** geografía histórica, geografía histórica urbana, geografía histórica del territorio, relación espacio-tiempo

**Keywords:** historical geography, urban historical geography, historical geography of territory, spacetime relationship

**Índice cronológico:** Segunda metade do século XX – século XXI

**Índice geográfico:** Brasil, Grã-Bretanha, EUA, França

**Palavras-chave:** geografia histórica, geografia histórica urbana, geografia histórica do território, relação espaço-tempo

## AUTOR

**DORALICE SÁTYRO MAIA**

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista PQ/CNPq.